

K.H - Possibilidades



Sinopse

Após os cinco anos que passou com seu amante, Cade chegou a considerar Dia dos Namorados como irrelevante - apenas mais um dia quando idiotas românticos gastam dinheiro que não podem poupar para manter as empresas de chocolate e cartão de felicitações felizes. Mas o seu amante, Lorin, morreu há oito meses. Depois de lutar para superar sua dor, e lidar com seu status de HIV positivo, Cade está começando a pensar em ficar com a sua vida. Joel, um jovem colega de trabalho, não é a pessoa que Cade teria escolhido para partilhar o seu renascimento espancado e contaminado. Mas Joel pode ser o homem certo para descongelar o romântico na alma de Cade.

Agradecimentos

Obrigado a Sammy e BJ por lerem o rascunho e fazerem excelentes sugestões. Eu fui e olhei e sim, BJ, Ryan Reynolds é muito quente em spandex verde.

Familia MeM Comenta



Lily

*Apesar de um pouco triste, a história é muito bonita por falar sobre recomeços e a importancia do amor em nossas vidas. Um livro perfeito para o dia dos namorados. Eu ameiiiiii!*

Cleia

*Apesar de eu não ter gostado da escolha do tema para um conto, achei que a autora conseguiu criar uma história crível e interessante. Bom par central, poucas personagens de apoio, o que ajudou muito e ótima cena de “acorda menino” com a Evelyn, que em apenas uma cena conseguiu se destacar e ser importante para a história.*

Cade abriu a porta do escritorio e se abaixou em um movimento rápido. Algo leve e sinuoso se enroscava em espirais amorosos ao redor de suas orelhas.

“Ops, sinto muito!” A voz de Ardith segurava uma risada abafada. Ela desceu de seu banquinho e o ajudou a desembaraçar os fios do cabo vermelho e os corações cintilantes de sua cabeça.

“Se isto é uma armadilha, você pegou o cara errado,” Cade lhe disse.

“Sei disso. Eu realmente estava esperando que isto estivesse pendurado antes de alguém entrar. Você chegou cedo.”

“Não conseguia dormir.”

Algo com os novos medicamenteos estavam ferrando seus ciclos dia/noite. Ele estava propenso a adormecer em momentos estranhos durante o dia e depois se sentir inquieto e bem acordado à noite. Talvez ele devesse apenas escrever aquele grande romance americano depois de tudo. Iria derrotar ficar encarrando o teto. Muito ruim que seu cérebro normalmente se sentisse muito suave e sem foco para uma prosa coerente. Talvez ele pudesse escrever o grande romance pornô americano. Nenhuma concentração necessária ai. Pelo menos ele tinha um interesse últimamente, o que era mais do que ele poderia dizer dos seis meses anteriores.

E sua mente estava divagando novamente. Merda.

Ele entregou a Ardith a última das suas decorações super amorosas e se dirigiu para sua mesa.

Seu computador inicializou imediatamente, o que era um bom sinal. Talvez os deuses do Linux estivessem sorrindo para ele hoje. Ardith cantarolava enquanto ela prendia suas guirlandas na parede. Os pequenos corações cintilavam nas luzes fluorescentes. O dia dos namorados é amanhã. Huh.

Nunca tinha sido um feriado que ele e Lorin tinham celebrado.

Lorin não era muito sentimentalista e corações cintilantes não tinha definitivamente sido o estilo do homem. A não ser que tivesse sido um suporte atlético cintilante no formato de um coração, talvez. Cade teve um momento de arrependimento por ele nunca ter tentado isto para o dia dos namorados. Talvez isto tivesse feito uma marca na atitude ‘deixa pra lá-cupido’ de Lorin. Bem, muito tarde agora.

A porta abriu novamente e Ardith vacilou em seu banquinho. O jovem homem que tinha surgido repentinamente agarrou o braço dela e a estabilizou.

Ela riu. “Talvez eu apenas devesse ficar aqui com esta guirlanda até que um cara hetero entre. Parece ser um imã de rapazes.”

Joel deixou passar e fez um golpe rápido para a cabeça dela. “Mas e se o próximo cara for Steven?”

“Um. Boa pergunta.” Ardith franziu seu nariz.

Pessoalmente Cade teria pago para vê-la derrubar corações cintilantes na cabeça do chefe. Mas ele compreendia porque ela apressadamente fixou a última extremidade livre da guirlanda e afastou o banquinho. Steven não tinha muito senso de humor.

Joel vagabundeava e se inclinou na mesa de Cade. “Então. Planos para amanhã?”

“Você está brincando, certo?” Ele nunca teria imaginado Joel como insensível.

Joel ficou vermelho. “Não, sinto muito, eu não estava pensando. Apenas conversa fiada. Eu também. Quero dizer, eu não tenho um encontro também. Não para sempre. Não que eu pense que você deveria estar namorando novamente mas… ok, estou indo apenas sentar e trabalhar agora.”

Cade fixou os olhos na sua tela, de modo a não encarar Joel se afastando apressadamente. *Não que eu pense que você deveria estar namorando novamente.* A coisa maldita era, que ele *estava* pensando sobre isto. Quanto tempo era tempo suficiente para que você não se sentisse culpado por querer seguir em frente após perder o amor da sua vida? Ou o cara que deveria ter sido o amor da sua vida, talvez. Quantos meses; quantos anos? Era algum tipo de proporção, como um mês para casa ano que vocês estiveram juntos? Cinco anos amando Lorin, cinco anos de discussões e risadas e sexo quente e raiva fria, altos e baixos, e o relativamente longo término. O último ano contava mais ou menos quando Lorin estava tão doente? Pelo menos ele tinham finalmente sido exclusivos, até que o interesse de Lorin tinha sido perdido para o interminável desfile de desconfortos e humilhações, grandes e pequenas.

Fazia quase oito meses agora. Cade percebeu que ele não sabia mais o número exato de dias sem olhar no calendário. Certamente fazia muito tempo. Mas era complicado e ele não estava pronto e *condene o homem*. Uma onda familiar de pesar e raiva passou por ele. Não ainda. Ele se virou de maneira determinada para o seu trabalho.

Felizmente, o programa de buggy que ele estava abordando era complicado o suficiente para mantê-lo concentrado. Três horas mais tarde ele tinha feito muito pouco progresso. Ele empurrou sua cadeira para trás e esfregou seu pescoço rígido. Deveria levantar-se, ir a algum lugar e caminhar um pouco, mas não tinha a energia necessária. Comeu em sua mesa, forçando seu sanduíche para baixo apesar de uma vaga aversão por ele.

O salame tinha um sabor estranho. Ele se perguntava se isto era apenas sua falta de apetite ou se a carne estava estragada. Ou talvez algum outro estranho efeito colateral da medicação alterando o sabor. Parecia ser o campeão mundial de reações medicamentosas idiossincráticas. Não as ruins. Não teve o vômito ou as erupções cutâneas e as taxas renais e hepáticas elevadas que tinham colocado medicação após medicação fora da lista de Lorin. Não, o que ele tinha eram coisas bobas, como ver auras ao redor das luzes ou o desenvolvimento de unhas encravadas. Ele tinha uma desconfiança furtiva de que seu médico esperava escrever um artigo descrevendo seu encantador conjunto de reações.

Cade imaginava que deveria estar contente se alguém conseguisse um uso produtivo além dele.

Ele suspirou e voltou a olhar fixamente para sua tela. Ainda havia algo que não estava funcionando sobre a revisão do website que estava fazendo para o escritório. Um script que sempre tinha trabalhado bem no passado agora lhe dava uma completa catástrofe no servidor web. Estava começando a se perguntar se precisava simplesmente escrever seu próprio código para a maldita coisa. Um som agudo o fez olhar para cima, assustado.

Joel tinha parado em sua mesa e batido no tampo laminado.

“Ei. Quer um café?”

Cade definitivamente queria. “Sim, claro. Obrigado!”

Joel estendeu uma xícara da coisa real da cafeteria ao longo do quarteirão, não as borras da cafeteira do escritório. Cade aceitou isto e bebericou de maneira apreciativa. Mmm, paraíso. Isto pelo menos tinha o gosto certo.

Joel hesitava de maneira incerta, e então disse, “Espero não ter ofendido você.”

“Ofendido?” Cade tentou descobrir de onde aquilo estava vindo. “Ao me comprar café?”

“Não, a coisa do encontro do Dia dos Namorados. Eu não me lembrei... Faz quanto tempo?”

“Ah. Não, não se preocupe sobre isto.” Joel tinha estado trabalhando no escritório somente há algumas semanas até então. Alguém, talvez, Ardith, obviamente o tinha atualizado sobre a história pregressa de Cade porque após os primeiros dias de interesse tímido, mas óbvio, o cara tinha estado andando na ponta dos pés ao redor de Cade desde então. O comentário sobre o encontro do dia dos namorados na verdade tinha sido uma tentativa diferente de conversa. “Quase um ano. Não se preocupe, está tudo bem. Eu não fiquei ofendido.”

“Certo. Bom. Quero dizer, você sabe. Eu sinto muito sobre seu parceiro, mas é bom que você não esteja zangado comigo.”

“Claro que não.” Cade observou Joel voltar para sua mesa.

*Parceiro.* Isto era a única coisa que Lorin nunca tinha sido. Amigo, companheiro de foda, colega de quarto, namorado, amante – sim. E talvez eles estivessem se dirigindo para aquela estrada para se tornarem parceiros de verdade. Pelo menos, Cade gostava de pensar que sim. Aqueles últimos meses antes que Lorin obtivesse seu diagnóstico, Cade pensava que eles já tinham estado menos separados.

Poucas noites quando ele voltava para casa, para uma casa vazia e um bilhete, *Sai para encontrar alguma diversão, vejo você amanhã.* Poucas noites quando ele mesmo saia para um bar ou um cinema escuro para pegar alguém que não significava nada mais do que uma carne quente desejosa, mas ajudaria a igualar o placar. O relacionamento aberto deles tinha começado a se fechar voluntariamente. Ate que aquele exame de sangue bateu à porta.

Muito irônico que os meses após Lorin ter sido diagnosticado como positivo tivessem sido os melhores da vida de Cade. Ele estava apavorado, sim, mas Lorin era finalmente dele. Finalmente contente em ficar em casa e deixar Cade cuidar dele e distraí-lo e dizer-lhe que tudo ficaria bem. Afinal havia tratamentos, todos os tipos de drogas. Ninguém morria mais de AIDS. A não ser que eles não conseguissem tolerar as drogas que deveriam ter funcionado. E então Lorin lentamente ficou doente e Cade se tornou um cuidador, enfermeiro e líder de torcida. Mas nunca parceiro.

*Maldição, ele estava mórbido hoje.* Cade forçou sua mente de volta para a tela e seu trabalho. Hora de se concentrar em conseguir realizar algo. Ele foi bem sucedido o suficiente para que o final do dia o pegasse desatento. A voz de Steven por sobre seu ombro o assustou.

“Então, está pronto para ir?”

“Ainda não.” Cade salvou seu trabalho e usou seu pen drive para fazer um back-up. Ele semicerrou os olhos para seu chefe, contraindo-se com o torcicolo em seu pescoço.

“Amanhã?”

“Talvez. Espero que sim.” Cade guardou o back-up de maneira segura em seu bolso e empurrou sua cadeira para trás. Ele levantou alongando-se. O pulsar maçante em suas costas lhe dizia que ele tinha estado em uma posição por muito tempo. Ardith jurava por aquelas estranhas cadeiras de rebaixamento.[[1]](#footnote-1) Talvez ele teria de investigar sobre elas.

Steven acenou com a cabeça e se dirigiu para a porta. Cade reuniu suas coisas e o acompanhou. A área do estacionamento ficava atrás do prédio. O volvo de Steven estava estacionado mais perto da porta. Cade esperou que o chefe saísse de sua vaga antes de cruzar o estacionamento para seu velho Camry. Era uma fera confiável, apesar de sua idade. Melhor do que o Porsche de Lorin. Lorin tinha adorado aquela coisa, mas ele passava mais tempo na oficina do que fora dela. Ele ficou estacionado na calçada durante meses após o funeral, ate que Cade não conseguiu passar por ele mais uma vez e o vendeu. O novo proprietário tinha ficado emocionado. E o Camry era tudo que Cade precisava de qualquer maneira.

Cade abriu as trancas e depois hesitou com sua mão na porta. De repente, o mundo estava fazendo algo interessante na forma de uma inclinação e trepidação. Ou Vancouver estava tendo um grande terremoto ou ele poderia acrescentar vertigem a sua lista de novos e excitantes efeitos colaterais. A falta geral de gritos e agitação nos transeuntes sugeriu que o movimento estava todo em sua cabeça.

Cade inclinou seu quadril contra a porta, agarrou a borda do teto e praguejou lentamente baixinho. Ele fechou os olhos e esperou que as coisas parassem de girar. Ele teria entrado no carro para se sentar, mas ele tinha uma sensação incômoda de que se ele tentasse se mover em absoluto, ele terminaria na calçada e não no assento.

“Ei, você está bem?”

Cade fez o esforço de abrir seus olhos. Joel estava parado olhando para ele ansiosamente.

“Estou bem. Apenas tonto por um segundo.”

“Posso fazer algo?”

*Vá embora e não olhe para mim?* Por que Cade não tinha revelado sobre isto. Todo o escritório sabia que ele era gay. A maioria deles sabia que Lorin tinha morrido de AIDS. Ele nunca tinha dito em voz alta, mas não era preciso um cientista espacial para descobrir isso. Mas nenhum deles, nem mesmo Ardith, sabia que seis meses após o diagnóstico de Lorin, Cade tornou-se positivo também. E ele iria fazer tudo em seu alcance para manter isto privado.

Ruim o suficiene que algumas pessoas o tivessem tratado como uma espécie de transportador da praga apenas pelo seu contato com Lorin, e todos seus amigos pareciam pensar que ele era um viúvo frágil. *Hora de seguir adiante amigos*. Exceto pelo vírus que continuava investindo.

“Irei apenas me sentar por um minuto.” Talvez ter uma audiência fosse bom, porque Cade conseguiu se abaixar para o assento sem cair. Ele fechou seus olhos e inclinou sua cabeça para trás no apoio de cabeça. Ele sempre tinha imaginado que a vertigem fosse como um carrosel, uma coisa girando suave. Isto era mais como se o Camry tivesse repentinamente se tranformado em uma montanha russa no CNE[[2]](#footnote-2). Uma enorme. Cade engoliu em seco.

“Um, você parece merda.”

Obviamente Joel não tinha ido embora.

“Muito obrigado.”

“Sinto muito. Quero dizer você sempre parece bem, mas neste momento você está muito pálido.”

“Como você pode dizer?” Cade murmurou. Os dias poderiam estar ficando mais longos, mas ainda era o crepúsculo em um estacionamento mal iluminado.

Joel limpou a garganta. “Você quer.... eu não sei, voltar lá para dentro e deitar? Ou eu posso pegar para você um pouco de água?”

“Acho que irei apenas ficar sentado aqui um pouco.”

“Certo.” Mas ainda não houve nenhum som de Joel se afastando.

Cade abriu uma fresta dos olhos e observou ao redor. Joel estava simplesmente parado lá olhando para ele.

“Você não tem de ficar.”

“Talvez não. Mas quero ter certeza que você está bem. De qualquer maneira, não acho que você deveria dirigir.”

Cade estava muito certo sobre isto. E que pé no saco. Ele teria de chamar um táxi, deixar seu carro aqui... Pelo menos ele era velho o suficiente para não ser atrante para os ladrões. Esta não era a melhor das vizinhanças à noite.

“Irei chamar um táxi.”

“Eu poderia levá-lo.” A voz de Joel era acanhada. “Ardith disse que você vive em Burnaby. Eu também. Não é muito fora do meu caminho. Um táxi irá lhe custar trinta dólares.”

Pelo menos. E Cade odiava táxis, atá mesmo a variedade descontraída de Vancouver cujos motoristas somente pareciam ter metade de um desejo de morte ao contrário do amadurecido estilo suicida de Montreal.

“Você tem certeza?”

“Absolutamente. Embora, você acha que talvez poderíamos levar meu carro? Odeio deixá-lo aqui.”

Certo. O que significa levantar. Claro, desde que ele estava sentado no banco do motorista ele teria de levantar de qualquer maneira. Cade deslizou suas pernas para fora e se levantou. Vacilou. Joel segurou seu cotovelo com uma mão forte para um homem tão esguio.

“Ou talvez eu deveria chamar uma ambulância.”

“Não. Estou bem.” Ele estava. A vertigem estava na verdade recuando. Cade se endireitou e se afastou da porta. Até agora, tudo bem.

“Eu tenho a sua mochila.” Joel disse. Cade franziu o cenho. Ele não tinha percebido que tinha deixado a coisa cair. Ainda bem que o laptop estava alcochoado.

Joel tinha um Civic híbrido de aparência nova. Não era de admirar que ele não quisesse deixá-lo no estacionamento. Ele segurou a porta do passageiro aberta para Cade. Havia menos espaço para as pernas do que no grande Camry, mas ainda o suficiente. Cade mal tinha 1,82m de altura, não um gigante como os 1,95m de Lorin. Quando o Camry morresse, ele poderia conseguir algo menor...

Joel guardou a mochila de Cade no banco de trás e olhou para ele ansiosamente, segurando a porta. “Você tem certeza que não quer ver um médico ou algo?”

“Estou bem. Provavelmente apenas um pouco de intoxicação alimentar. Meu sanduíche no almoço tinha um gosto ruim.” Aquilo até mesmo era verdade. Poderia ser possivel.

“Certo.” Joel caminhou ao redor e deslizou para trás do volante. “Diga-me se você precisar que eu pare.”

Os lábios de Cade se contraíram. Joel provavelmente estava o imaginando vomitando no assento ainda novo. Então o mundo oscilou e seu estômago balançou o suficiente para limpar o sorriso incipiente. Não estava fora do reino das possibilidades.

“Comunicarei a você.”

Joel era um motorista atencioso, e o progresso deles era tão gentil e livre de solavancos quanto uma viagem na hora do rush poderia ser. Quando eles entraram na rodovia, Joel disse, “Ei, posso usar o HOV[[3]](#footnote-3).” Ele mudou de pistas e acelerou suavemente. “Você sabe, talvez nós devêssemos vir juntos, apenas por isto.”

“Talvez.” Ou talvez não. Tornar-se o melhor amigo deste jovem homem brilhante, atraente e imaculado poderia não ser sábio.

Cade deu instruções breves quando eles chegaram na saída. Era estranho, tão familiar e ainda tão esquisito estar sentado ali sendo conduzido por outro cara. Quando ambos eram saudáveis – Cade quase tinha pensado quando eles eram jovens – Lorin tinha amado dirigir. Além disso, ele tinha de longe o carro mais sexy. Cade tinha passado muitas noites sentado no banco do passageiro enquanto Lorin os levava a algum restaurante ou clube. Lorin teria conversado um quilômetro por minuto, reclamando dos outros motoristas, contando a Cade sobre seu dia, seus planos. Não teria havido nada deste silêncio estranhamente repousante. Mas o volume, o calor e a presença absoluta de um homem ao lado dele era o mesmo.

Joel estacionou na frente da casa de Cade e olhou para ele. Após uma pequena pausa indecifrável para pensar, ele desligou o carro e guardou as chaves.

“Você não tem de entrar,” Cade disse. “Estou bem.”

“Bobagem. Você ainda tem este olhar vidrado. Pelo menos, irei vê-lo entrar e me certificar que você não caia nos degraus.”

“Não é tão ruim. Sério.”

O olhar firme de Joel parecia pouco provável de ser alterado. Cade suspirou. Saiu do carro cuidadosamente, mas como num passe de mágica, ele estava realmente bem. Nenhuma inclinação, nenhuma náusea, graças às fadas dos efeitos colaterais. Joel pegou a mochila de Cade antes que ele mesmo pudesse fazê-lo, e seguiu Cade pelo passeio. Quando eles entraram, Cade ficou ciente do ar viciado no interior. Parecia como um maldito museu, não um lugar onde alguém vivia. Havia poeira em tudo. Não estava realmente sujo, todo o lixo estava ensacado, ele lavava os pratos religiosamente. Estava apenas.... abandonado.

Ele se virou para Joel e pegou suas coisas. “Obrigado. Realmente, eu apreciei a carona.”

Joel olhou ao redor. “Lugar legal. Eu amo os tetos altos e as molduras.”

Cade gostou também, uma vez. Quanto tempo desde que ele tinha sequer olhado para eles? “Obrigado.”

“A cozinha é da mesma época? Anos vinte, certo?”

“Sim. Mas a cozinha foi atualizada simplesmente na era errada.” Joel pareceu intrigado. Cade não poderia simplesmente dispensar o cara. Contra sua vontade ele disse, “Venha ver o estrago.”

Joel o seguiu em direção da cozinha. O próprio ar parecia vigiar e prestar atenção enquanto ele passava. Cade mordeu seu lábio e ignorou o efeito.

“Então veja se você pode advinhar a era aqui.”

Joel olhou ao redor e riu. Os eletrodomésticos na cor verde abacate, os armários escuros e os bonitos azulejos pintados na parede acima da pia eram aparentemente inconfundíveis. “Tem de ser anos setenta. Eu vi fotografias da casa da minha avó, juro que tinha os mesmo azulejos.”

“As coisas da minha avó eram daquela cor dourada escura. Caso contrário, idênticas.” Cade deslizou sua mochila para o balcão e foi para a pia.

“Aceita café?”

“Claro. Ótimo.” Joel se sentou em um dos banquinhos altos ao longo do balcão na área de café da manhã. Cade se ocupou com encher a chaleira e pegar o café bom. Este cômodo era onde ele passava a maior parte do seu tempo estes dias, quando não estava dormindo.

Era tão caseiro quanto você poderia conseguir. E ainda mesmo este cômodo era mais brilhante com outra pessoa nele.

*Não fique estúpido sobre isto.* Como se para lembrá-lo por que seria inteligente enviar Joel embora, outra pequena onda de vertigem passou por ele e ele derramou alguns grãos no balcão.

Ele colocou o saco para baixo e segurou a borda com firmeza, esperando que isto passasse.

A mão de Joel era quente em seu cotovelo. “Talvez você devesse se sentar, deixe-me preparar o café. Ou você quer se deitar? Você não precisa me entreter. Você quer chamar seu médico ou algo?”

Acabe com isto. Cade se virou, colocando o balcão como apoio em suas costas, e olhou para Joel. Os olhos castanhos do homem eram maravilhosos, cílios longos e bem definidos. Ele não continham nada além de preocupação. *Poderia mudar a qualquer minuto agora.*

“Isto não é nada novo. Sou HIV positivo.”

Joel apenas olhou de volta para ele. Aqueles olhos castanhos não mudaram, não se afastaram em desconforto ou repulsa. Mas ainda Cade esperava pelo inevitável movimento que colocaria um pouco mais de distância entre eles. Ele contou suas respirações, enquanto eles ficavam lá encarando um ao outro.

Então Joel disse suavemente, “Eu também.”

Foi Cade quem recuou, um pequeno som escapando de sua garganta.

*Merda não!* Tempos depois ele estava orgulhoso daquela reação. Porque seu segundo pensamento foi, *merda, sim.* “Você... quantos anos você tem de qualquer maneira?”

Os olhos de Joel estavam rindo um pouco para ele, o homem maldito.

“Vinte e dois. E antes que você pergunte, sou positivo há quatro anos.”

“Isto é...” Cade não achava que ele poderia expressar quão confuso ele estava. Ele estava com quase trinta e ainda era muito jovem.

“Estou bem,” Joel disse quase de maneira gentil. “A carga viral indetectável, a contagem de CD4 ótima e os medicamentos raramente fodem comigo. Então e você? Isto são sintomas ou efeitos colaterais?”

Cade suspirou, como se toda a tensão estivesse simplesmente deslizando para for a de seu peito. “Efeitos colaterais. Eu espero.”

“Então você quer se sentar ou deitar?”

“Acho que irei me sentar.” Ele buscou as cegas o encosto de uma das cadeiras da cozinha e caiu sobre ela pesadamente. Joel assumiu o preparo do café sem demonstrar emoções. Cade observava as pequenas mãos hábeis enquanto ele media os grãos, localizava as canecas e despejava a água. Observou aquelas mãos e sentiu como se água quente estivesse inundando suas próprias veias. Ate mesmo a sugestão de vertigem se misturou e se tornou parte desta onda de *eu quero* que repentinamente o atingiu.

Joel tinha se aproximado de Cade de pequenas maneiras sutis quando se juntou ao escritório duas semanas atrás. E Cade tinha estado diligentemente ignorando-o desde o primeiro dia. Porque ele queimaria no inferno antes que ele tentasse qualquer oportunidade de fazer com algum outro homem o que Lorin tinha inadvertidamente feito com ele. Mas isto não significava que não tivesse notado o corpo ótimo e compacto de Joel e os cabelos cacheados escuros e os lábios carnudos. Apenas significava que tinha muito firmemente colocado o homem na categoria de *não para mim*. Ele imaginava que sua gradual crescente libido teria de contentar com imagens mentais e o toque da sua própria mão.

Mas Joel era positivo. Isto não significava que eles pudessem ser descuidados.

Havia muitas cepas dos vírus e misturá-las poderia ser uma noticia ainda pior. Mas era uma aproximação completamente diferente daquela primeira infecção. E teria sido necessário mais do que uma vertigem leve que ele sentia agora para evitar que imaginasse o que aconteceria se ele aceitasse um daqueles convites de Joel.

Exceto que Joel lhe entregou o café gentilmente, com um olhar que era todo preocupação e não calor. *Maldição.*

“Sente-se e junte-se a mim,” Cade disse.

Joel pegou sua própria xícara e puxou a cadeira do outro lado da mesa. Ele tomou um pequeno gole da bebida e suspirou apreciadoramente. “Mmmm, bom. Normalmente eu não gosto de cafés aromatizados, mas avelã é a única exceção. Muito bom.”

“Obrigado. Eu gosto disto.” Ele bebericou o seu próprio, se atrapalhando em como começar uma conversa. Parecia tanto tempo desde que ele tinha feito isto.

“Então por quanto tempo você tem este lugar? Ou você está alugando?” Joel perguntou.

“Alugando. E é por isto que os eletrodomésticos ainda são verde-abacate.”

“Ah. Isto é um alívio.” Joel sorriu um pouco por sobre a borda de sua xícara. “Eu odiaria pensar que foi por opção.”

“Pouco provável.” *E agora?* “Você tem uma casa? Ou não, vinte e dois, provavelmente não, né?” *Sem problemas, Cade, lembre-o o quão mais jovem ele é do que você.*

“Eu alugo um estúdio sobre uma garagem. Pequeno mas agradável e silencioso.”

“Longe daqui?”

“Somente dez minutos ou algo assim.” Joel olhou para seu relógio. “Embora talvez eu devesse começar a ir se você está realmente bem.”

“Fique para jantar.” Cade não se importava mais se ele parecesse desesperado. “Eu tenho alguns bifes na geladeira. Salada de repolho. Fritas no congelador se você quiser.” Nenhuma sobremesa. Ele não tinha tido muito apetite ultimamente, mas ele desejava que esta fosse uma das semanas que ele se entregaria a sua predileção por cheesecake. Ele torturou seu cérebro por mais alguma coisa para oferecer.

Mas Joel disse, “Claro, eu gostaria disto. Eu até mesmo cozinharei. Coloco a pizza congelada no microondas.”

“Você coloca pizza no microondas?”

“É rápido.”

“Mas empapado e mole.”

“Verdade. E mole nunca é uma coisa boa.”

Cade olhou mais atentamente. Os olhos de Joel tinham recuperado uma expressão provocante. “Não precisa se preocupar sobre isto,” Cade murmurou. Ele não estava realmente duro, mas levaria cerca de dois segundos ao pensar na boca de Joel para chegar lá. Ele deslizou suas pernas um pouco mais sob a mesa.

“Por outro lado fatias espessas de carne são uma coisa boa,” Joel continuou.

Certo, não era a imaginação de Cade. “Você está falando ou cozinhando?” Ele teria retirado suas palavras se ele pudesse. Era o tipo de coisa que ele teria dito para Lorin, mas ele e Joel não estavam naquelas condições. Joel era um convidado. Mas Joel riu e foi para a geladeira.

“As fritas estão aqui? Tem algum molho de carne?”

“Segundo armário acima, prateleira do fundo.”

Joel parecia conhecer seu caminho ao redor da cozinha. Ele cantarolava baixinho para si mesmo enquanto puxava uma panela e uma assadeira para as fritas, ligou o forno e localizou os pratos. Era um som prazeiroso, agradável. A conversa fiada parecia ter momentaneamente abandonado Cade, mas Joel parecia feliz apenas ao preparar o jantar em silêncio. Uma vez, quando Cade fez um movimento para se levantar e buscar a prataria, Joel rosnou, “Fique quieto. Sua comida, minha culinária. Você deveria tirar proveito. De qualquer maneira você ainda parece um pouco aéreo.”

Cade se acalmou obedientemente. “Talvez apenas estou com fome. Sinto-me muito bem.” Não que bem fosse a palavra certa para a mistura de emoções crescendo nele, mas serviria.

“Cinco minutos. Ketchup?”

“Sim.”

“Eu quis dizer: onde?”

“Geladeira.”

Joel trouxe dois pratos cheios para a mesa. Os bifes estavam suculentos e marrons, as fritas fumegando. Joel colocou o de Cade na frente dele e caiu na outra cadeira.

“Mmmm, já faz um tempo que comi um bife.” Ele cortou um pedaço, colocou-o em sua boca e mastigou com seus olhos meio fechados. “Yum, isto é bom se eu posso dizê-lo.”

Cade provou o seu. Estava bom. Eles comeram em um silêncio satisfeito por alguns minutos.

“Você sabe, contudo,” Joel continuou casualmente. “Eu realmente sinto falta de um bife sangrante mal passado. E cordeiro mal passado e tudo isto. Odeio ter de ser cuidadoso e cozinhar as coisas bem passadas. Algumas vezes são as malditas coisinhas que me pegam.”

Cade parou, uma frita entre seus dedos, olhando para Joel. Como ele podia conversar tão casualmente sobre isto e depois dar outra grande mordida e....

“O que?” Joel parou para encarar de volta. “Tenho ketchup no meu nariz?”

“Não, é apenas...” Cade deu de ombros, se perguntando como colocar isto em palavras. “Algumas vezes são as malditas coisas enormes.”

“Sim.” Os olhos de Joel eram gentis. “Eu não estava tentando descobrir o que aconteceu com seu parceiro.”

“Não, está bem. Você está certo. Com Lorin e eu, era tão difícil, desde o início. Ele estava doente quando foi diagnosticado e ele nunca realmente ficou bem. Nós não tivemos um período quando não havia grandes coisas acontecendo.” Havia sido um drama de vida ou morte, mesmo a princípio quando Cade ainda estava negativo e fazendo o seu melhor para ser otimista sobre como tudo isto iria funcionar. Mesmo quando havia aquele espaço para respirar, quando Lorin se sentia bem e Cade quase fazia a si mesmo acreditar na eternidade. Nenhum deles tinha esquecido sobre a espada pairando sobre suas cabeças. E Lorin era todo sobre o drama, contudo para ser justo, esta foi a única vez que ele não tinha estado reagindo com exagero.

“Maldição, parece cansativo,” Joel disse. “Havia um cara no grupo de apoio em que eu estava, que acalentou seu parceiro até o final. Eu nunca tinha visto um homem tão completamente dizimado como ele estava, corpo e alma.”

Cade enfiou mais carne em sua boca. Ele *não tinha* acalentado seu parceiro através disto.



Ele lembrou do dia em que veio para casa do trabalho para encontrar Lorin tentando arrumar uma mala. Ele tinha tirado a mala das mãos de seu amante.

“Que diabos você está fazendo? Você deveria estar na cama.”

Lorin tinha olhado para ele, virado um pouco de lado porque sua visão em um olho estava quase desaparecida. “Estou fazendo as malas.”

“Para que?” Cade teve um momento de uma estranha mistura de pânico e raiva. “O que eu fiz? Para onde você está indo?”

“Oh não, Cade, você não fez nada.” Lorin colocou uma mão em seu braço. “Apenas decidi que chegou a hora para eu fazer a coisa da casa de repouso.”

“Não compreendo.” Cade se sentou pesadamente na cama. “Pensei que tínhamos decidido contra isto. Pensei que quando isto fosse necessário eu tiraria uma licença do trabalho e ficaria em casa. Nós já temos a enfermeira do Possibilities vindo durante o dia de qualquer maneira.”

Lorin se sentou ao lado dele, a ausência de elegância da sua queda para o colchão, uma medida da força que ele tinha perdido. “Cade, você decidiu isto. Eu lhe disse diversas vezes, não quero fazer isto com você. Já lhe dei a maldita praga. Não terei você ficando em casa cuidando de mim e se esgotando. É ruim agora, mas vai ficar muito feio.”

“Não me importo.”

“Mas eu sim! É ruim o suficiente ter você me ajudando a ir para o banheiro. Serei amaldiçoado se eu quiser você enxugando minha bunda e limpando meu vômito e segurando a maldita garrafa para que possa mijar dentro.”

“Já fiz um pouco disto.” Lorin tinha passado através de algumas rodadas de severos sintomas intestinais, mas seu médico tinha conseguido colocá-los de volta sob controle em ambas as vezes.

“Eu sei. E eu odiei isto.”

“Oh.” Cade se sentiu dolorido e frio, como se alguém tivesse enfiado um pingente de gelo em suas entranhas. “Você não disse.”

“Cade.” Os dedos secos de Lorin seguraram seu queixo em concha. “Eu te amo. Mas realmente, realmente não quero você vendo toda a fraqueza e a merda desagradável e feia pela qual irei passar.”

“Pensei que era isto o que o amor era.” Cade estava surpreso que ele pudesse dizer estas coisas. Mas parecia como se ele estivesse lutando por sua vida aqui. “Compartilhar o bom e o ruim, não importa o quão difícil isto fique.”

“Não estou mandando você embora. Ainda quero ver você. Quero você por perto o quanto você puder conseguir estar por perto. Mas quando algo feio acontecer, quero que você seja capaz de se afastar por alguns minutos enquanto alguém que é pago para fazer o serviço limpe. E então quero que você seja capaz de retornar e se sentar comigo e me tocar e não pensar sobre essa merda.”

“Não me importo.” As lágrimas queimavam os olhos de Cade. Ele piscou valentemente.

“Eu me importo.” Lorin pressionou um beijo em seu rosto. “É a hora, bebê. Eu esclareci isto com o Dr. Chin e ele me telefonou para dizer que uma vaga está aberta. Você sabe, eu não consegui chegar até ao banheiro esta tarde. A enfermeira do dia teve de limpar e praticamente me carregar de volta para a cama. Foi patético. Estou um pouco melhor agora, mas é a hora.”

“Mais algumas semanas. Você acabou de começar o novo medicamento NRTI[[4]](#footnote-4).”

“E acabei de sair do novo NRTI novamente. O Dr. Chin disse que meus níveis enzimáticos estavam nas alturas. Meu fígado não gostou deste também.”

“Merda,” Cade sussurrou. “Merda, merda, merda.”

Lorin riu e houve uma ponta de diversão verdadeira nisto.

“A história da minha vida neste exato momento, bebê.” Ele se inclinou para trás nos travesseiros com um pequeno rosnado e jogou suas pernas para cima da cama. “Faça-me um favor, Cade?”

“Qualquer coisa.”

“Você poderia arrumar minha maldita mala para mim? Porque você está certo. Eu deveria estar na cama.”



 Lorin tinha passado os três últimos meses de sua vida em cuidados paliativos, lutando contra uma coisa depois da outra, definhando enquanto Cade tinha estado livre para partir. Livre para sair e ir para o seu emprego ou para casa, para se afastar da lenta queda ladeira abaixo que tinha somente um final possível. Cade não tinha nenhum direito para se sentir exausto só de pensar sobre aquela época.

 “Meu parceiro estava nos cuidados paliativos. Não foi tão ruim.”

 Joel balançou sua cabeça gentilmente. “Você é um péssimo mentiroso. Foi tão ruim.”

“Talvez.”

Joel enfiou a última das batatas em sua boca e se levantou. “Irei lavar os pratos. Lava-louças?”

“Claro. Coloque a panela também.”

Joel carregou os pratos sujos de maneira eficiente e depois retornou e puxou sua cadeira ao redor para se sentar próximo a Cade. “O que posso fazer? Como você se sente?”

Num impulse repentino inegável, Cade agarrou uma daquelas pequenas mãos forte e a colou sobre o zíper de seu jeans.

“Oh!” Joel sorriu, lento e quente. “Tem certeza que você está apto para isto?”

“Você não pode dizer?”

“Bem, claro.” Os dedos de Joel traçaram voltas lânguidas pelo jeans apertado de Cade, traçando redemoinhos com a ponta de suas unhas. “Mas não sei quão longe você quer levar isto.”

Cade não sabia também. Mas esta oportunidade poderia nunca surgir novamente. “Podemos ir para algum lugar mais confortável e discutir isto?”

“Absolutamente. Cama ou sofá?”

“Cama.” Cade decidiu. Então se ele se sentisse tonto novamente ele já estaria deitado. “Por aqui.”

Ele liderou o caminho para seu quarto e parou. Estava bastante arrumado. A cama estava feita, o ededrom azul puxado para cima, nenhuma roupa suja no chão. E apenas pareceu estranho estar levando Joel com ele ali. Ele se preparou para a sensação e foi resolutamente se sentar na cama. Joel o seguiu, mas não se sentou.

“Você tem certeza? Este era o quarto do seu parceiro também?”

“Lorin. O nome dele era Lorin. E não. Este era o quarto de hóspedes.”

Cade tinha dormido sozinho na cama grande do outro lado do corredor toda noite durante aqueles três meses. Bem, todas exceto aquelas últimas noites que tinha passado na cadeira no quarto de Lorin. Mas o dia em que voltou para casa do funeral ele tinha se decidido por esta cama de hóspedes. Suas roupas e coisas ainda estavam do outro lado do corredor, mas ele não dormia mais lá.

“Bom,” Joel disse. “Menos fantasmas.” Ele colocou suas mãos nos ombros de Cade. A voz dele estava firme e um pouco mais profunda. “Recline-se e deixe-me entrar.”

Cade deslizou para o lado, relaxado de costas em sua cama. Joel tirou seus sapatos e se estendeu ao lado dele, inclinando-se sobre um cotovelo para olhar para o rosto de Cade.

“Você não tem de...” Cade começou.

“Cala a boca.” Joel se abaixou lentamente, dando tempo a Cade para se esquivar. O que era a última coisa na mente de Cade. Joel beijava como se ele não tivesse nenhum outro plano, traçando os lábios de Cade com sua língua antes de exigir entrada. Os lábios dele eram tão macios quanto eles pareciam, a língua dele aromatizada com ketchup e café. Cade colocou uma mão atrás da cabeça de Joel para puxá-lo mais para perto. *Ele tinha sentido falta disto*. Ate mais do que sexo, talvez. Isto era algo que sua própria mão não poderia fazer por ele, esta doce exploração, troca de fôlegos e necessidade. Joel não se afastou até que ambos estivessem ofegando um pouco.

“Mmmm, você faz isto bem.” Joel pegou o pulso de Cade, puxando os dedos de Cade para longe de seus cabelos macios e os beijando de maneira molhada. “Você tem outras habilidades escondidas?”

“Não fiz isto por muito tempo. Não tenho feito qualquer coisa há muito tempo.”

Os olhos de Joel se suavizaram. “Eu também. Fica complicado. Não precisamos ir rapido.”

Cade queria o calor de volta. Mas não tinha certeza se ele estava apto para negociações, látex e mecânica. Ele colocou seus dedos na grande protuberância no jeans de Joel.

“Talvez mãos? Apenas isto esta noite?”

“Eu poderia fazer isto. Oh, sim.”

Cade descobriu que não tinha perdido seu toque. Joel era estranho sob seus dedos e ainda assim o mesmo. Uma pele de veludo macio e áspero cachos escuros. Bolas redondas e firmes em sua bolsa sedosa e um eixo duro. Joel respondia ao toque de Cade com pequenos gemidos e suspiros que eram surpreendentemente sexys. E os dedos dele em Cade eram habilidosos também. Eles não se despiram completamente, apenas abriram as roupas o suficiente para ter acesso, e depois se encarregaram do sério negócio de deixar um ao outro desenfreado. Cade gozou primeiro, em um ímpeto cego que levou seu fôlego. A explosão elétrica do orgasmo o sacudiu enquanto ele explodia na mão de Joel. Joel o acariciou com força durante isto, até que a mão de Cade na sua sinalizou o momento em que era demais. “Você é tão quente quando faz isto.”

Cade arqueou-se para cima, pressionando um beijo úmido de boca aberta naqueles lábios sorridentes.

“Agora, deixe-me vê-lo.”

Joel estava perto, duro como aço e pré-semen vazando nas mãos de Cade. Cade empurrou-o sobre suas costas e deslizou pelo corpo de Joel para olhar e beijar enquanto bombeava suas mãos rudemente. Ele chupava a pele pálida da barriga de Joel, pressionando seu nariz no doce cheiro da pele masculina limpa. Até Joel agarrar seus cabelos para puxar sua boca para cima e para longe. “Vou explodir, Cade. Oh Deus. Unh.” Joel gozou com um ímpeto pelas mãos de Cade e pela sua própria barriga, tremendo com a intensidade.

No resultado pegajoso, Cade estendeu as mãos para os lenços. Eles limparam seus dedos, pênis e barrigas sem deixar seus olhos se encontrarem. Cade alisou sua camisa para baixo e abotoou o último botão. Joel fez algum tipo de meneio sinuoso para conseguir suas calças apertadas de volta sobre sua bunda. Cade se rolou para longe dele para enfiar, subir o zíper e abotoar. E permaneceu virado de lado, olhando para a parede.

“Você está bem?” A voz de Joel era hesitante.

*Estava*? Diabos, se Cade sabia. Mas ele disse, “Estou bem. Isto foi ótimo. Isto foi surpreendente.”

Porque tinha sido, pelo menos no sentido de liberar o máximo de sua mente de uma maneira que ele não tinha experimentado em meses. Anos. Não era culpa de Joel que a oscilação da visão de Cade não fosse de cansaço, mas de lágrimas.

Cade mordeu seu lábio com força. Ele estava se transformando em algum tipo de garota. Ele nunca tinha chorado depois do sexo. Nem depois da primeira vez, quando isto doeu e terminou muito rápido, e o deixou desapontado e vazio. Nem depois da vez que eles perceberam que eles teriam de usar absolutamente um preservativo em Lorin para tudo. Nem mesmo a última vez quando nada que ele fez foi o suficiente para atravessar a dor e o cansaço de Lorin para um lugar de prazer. Lorin tinha acabado fazendo Cade gozar com suas mãos. E eles tinham olhado um para o outro e Cade, de alguma forma, soube que eles nunca iriam fazer isto novamente.

E se ele não tinha chorado então, por que diabos ele estava virando uma manteiga-derretida sobre uma masturbação rápida com um cara lindo que não significava nada mais do que uma pequena liberação da tensão? Ele se enroscou mais apertado e respirou pelo nariz.

A mão de Joel roçou brevemente no ombro de Cade e então se afastou.

“Eu deveria ir?”

“Você não precisa.”

“Mas você não quer que eu fique.”

Cade não tinha nenhuma pista sobre o que ele queria. Então ele permaneceu em silêncio e fechou seus olhos.

Houve um farfalhar ao lado dele enquanto Joel deslizava para a borda da cama. O colchão quicou quando ele se levantou. Então o som arrastado de sapatos sendo alcançados com os pés.

“Você está bem para que eu deixá-lo? No que diz respeito à saúde, eu quero dizer?”

“Sim.”

Os passos de Joel deixaram o quarto, mas um minuto depois ele estava de volta.

“Aqui. Eu peguei seu telefone do seu casado e irei colocá-lo para recarregar aqui, apenas para o caso. E aqui tem água. Você tem seus medicamentos?”

Sempre. O porta comprimidos plano estava duro em seu bolso. O relógio em seu pulso tinha uma função de alarme e ele a usava religiosamente.

“Sim. Obrigado.”

“Então eu deveria ir.” Mas houve somente silêncio.

*Vamos, Stevenson, você é melhor do que isto*. Cade fez a si mesmo rolar, abrir seus olhos e encontrar os olhos preocupados de Joel.

“Sério, Joel, estou bem e sinto muito. É apenas estranho, é tudo. E eu me sinto meio desagradável.” O que era verdade, de uma maneira. Apressadamente, ele acrescentou, “Não sobre o sexo. Ou sobre você. Você foi impressionante.”

 Joel balançou a cabeça lentamente. “Muito cedo?”

“Talvez. Eu queria que eu soubesse. Muito algo.”

“Posso lhe dar uma carona para o trabalho amanhã? Já que seu carro ainda está lá?”

Merda. Cade tinha esquecido disto. Realmente ele deveria dizer não, cortar o cara. Porque Cade obviamente não iria ser uma boa companhia. Ao invés ele perguntou,

“Que horas você passa aqui?”

“Quando você quiser.”

“Sete e trinta?”

“Claro.” Joel pareceu aliviado que Cade tinha aceitado sua oferta. Isto era uma idéia ruim.

“Eu aprecio isto isto, mas você sabe…” Cade hesitou.

“É apenas uma carona. Não se preocupe.”

“Sinto muito. Acho que estou meio ferrado.”

“Você não está ferrado. Você tem motivos para ir devagar. Eu entendo isto. Posso esperar.”

Cade desejou que ele compreendesse a si mesmo, mas ele balançou a cabeça agradecido.

Os olhos de Joel recuperaram um pouco de seu brilho. “Mas apenas para você saber, isto foi muito quente. Faz muito tempo para mim também. E estou disponível para uma revanhce a qualquer hora que você disser.”

Ele tinha de ser algum tipo de idiota, porque o que saiu de sua boca não foi *agora*, mas “Obrigado.”

“Às ordens. Vejo você amanhã.”

A casa pareceu muito quieta depois que a porta da frente fechou atrás de Joel. Cade deitou em sua cama com suas roupas de trabalho e tentou separar seus próprios sentimentos. Um trabalho semelhante a catar numa cesta de lixo, ele pensou. Ele estava se sentindo culpado? Certamente ele sabia melhor do que achar que estava traindo um homem morto. Afinal, nos primeiros três anos juntos deles ele tinha tido muito sexo com outros homens, e Lorin nunca tinha se importado. Exceto, talvez, por querer assistir. Por que o cuidado com o homem depois que ele estava morto?

Talvez fosse o vírus. Ele se perguntava se ele tinha de alguma forma decidido nunca gozar na presença de outro homem novamente. Nunca derramar sua semente mortal em uma pele limpa. Mas Joel era positivo, certamente até mesmo seu cérebro podia imaginar isto.

Talvez fossem apenas diferenças. Diferença do cheiro, as mãos menores, a voz mais alta, os sons diferentes quando ele gozava. Uma legião de pequenas diferenças que diziam que este homem em sua cama não era Lorin, nunca seria Lorin novamente. Um ataque de emoção pegou sua garganta e as lágrimas ameaçavam. *Oh, Lorin. Maldição.* Ele tinha pensado que havia superado isto, após o primeiro vazio assombrado e depois a dor e a perda. Tão injusto disto emboscá-lo quando ele tinha algo, alguém, bom sob suas mãos. Mas então tinha sido um longo tempo desde que ele tinha pensado que a vida tinha algo a ver com justiça.

Ele rolou de lado novamente e pressionou seu rosto no travesseiro, onde os sons que ele estava fazendo seriam abafados. Embora não houvesse ninguém para ouvi-lo.

Na tenue luz da manhã, Cade acordou rígido, pegajoso e com os olhos turvos. Ele percebeu que tinha adormecido com suas roupas. Ele se sentia encardido, ainda cansado e retorcido. A vertigem tinha ido embora, mas ele ainda se sentia estranho. Vazio, de alguma maneira nova que era diferente das outras manhãs recentes. Ele olhou para seu relógio. Ele tinha tempo suficiente para um banho antes de tomar seus medicamentos das 7 da manhã. A água quente era uma bênção em sua pele, embalando-o no calor e lavando os resíduos da noite pelo ralo. Ele saiu de maneira relutante, se barbeou e se vestiu, tomou seus medicamentos e comeu.

Joel tocou a campainha bem na marca das sete e trinta. Na verdade, dado a variabilidade do tráfego ao redor da área, Cade tinha uma desconfiança furtiva que Joel tinha chegado mais cedo e esperado no final da rua em algum lugar. Os lindos olhos de Joel eram amistosos, mas um pouco reservados enquando ele estava parado na porta.

“Oi, Cade, pronto para ir?”

Cade abriu um pouco mais a porta. “Quer café primeiro?”

Ele viu Joel relaxar um pouco mesmo quando o homem balançou sua cabeça.

“É tentador, mas o tráfego é uma merda a esta hora e eu tenho trabalho esperando.”

“Deixe-me pegar minha mochila.”

O carro de Joel já estava abençoadamente quente dentro. Cade olhou ao redor enquanto se atrapalhava com o encaixe de seu cinto. “Realmente sinto muito sobre a noite passada.”

Surpreendentemente Joel sorriu. “Eu não. Foi divertido, e você foi quente. Eu realmente queria fazer isto novamente. Mas somente quando você estiver pronto.”

“Não sei quando isto será.”

“Posso esperar.”

*Deus, o sorriso de Joel era maravilhoso, com aquela covinha única em sua bochecha direita.* Cade virou-se para olhar pela janela ao invés. Eles dobraram a esquina e começaram a navegar pelo tráfego inconstante na direção do centro da cidade. Ruas familiares passavam, casas e pequenas lojas, pacatas na fria luz da manhã. Repentinamente sua atenção foi atraída.

“Pare aqui!”

Joel pulou um pouco pelo tom de voz de Cade, mas estacionou de maneira obediente. “Aqui?”

“Sim.” Cade olhava pela janela do carro para os portões do cemitério. Era estúpido e fraco e isto provavelmente afastaria Joel dele pela eternidade, fugindo dele para visitar um túmulo, mas Cade repentinamente precisava conversar com Lorin. “Deixe-me aqui. Posso pegar um táxi depois.”

Joel acompanhou seu olhar e piscou em repentina compreensão. “Posso esperar.”

“Não posso pedir-lhe para fazer isto. Poderia ficar aqui por um tempo.”

“Não me importo.”

Cade balançou sua cabeça. “Você disse que tinha trabalho acumulado. Verei você no escritório mais tarde.” Ele agarrou sua mochila do banco de trás e fechou a porta com firmeza.

Ele se dirigiu através dos portões de ferro abertos na luz do amanhecer. O caminho familiar conduzia para a sua direita, levemente morro abaixo. Ele tinha vindo aqui com frequência a princípio. Ele tinha cuidado do túmulo e trazido coisas que Lorin provavelmente teria rido em vida. Ele tinha trazido flores, muitas flores e uma bandeira no dia do Canadá. Lorin teria preferido um bom charuto. Uma guirlanda no Natal. Está foi a última vez que ele tinha estado aqui? Ele não tinha mais certeza.

A lápide era simples, mármore cinza polido com o nome de Lorin e as datas e as palavras *“****Ele viveu, amou, morreu****.”* Escolha de Lorin. Cade não tinha certeza se era algum tipo de brincadeira ou a tentativa de Lorin de ser poético. Cade bufava agora. Isto resumia as coisas muito nitidamente. Ele estendeu um dedo para traçar o O do nome de Lorin. Redondo como um anel. Eles nunca tinham ido tão longe quanto anéis.

O chão estava muito frio e molhado para se sentar, mas Cade olhou ao redor para se certificar que ele estava sozinho e depois se agachou em seus calcanhares ao lado da pedra. Ele apoiou seu ombro contra o frio suporte maciço.

“Então, Lorin, aposto que você pensou que eu tinha ido embora para sempre, né? Sinto muito. Sei que faz um tempo.” Ele parou. Ele realmente não tinha certeza do que ele estava fazendo aqui. Iria ele realmente perdir permissão a Lorin para namorar novamente, *sentir* novamente? Ou isto era algum outro negócio inacabado?

“Então, hoje é Dia dos Namorados. Aposto que você não sabia disto. Não que você alguma vez prestou qualquer atenção a isto quando você realmente estava aqui. Mas é e eu estou sozinho hoje, parecendo, imaginando e ficando no limite, porque você, maldito você, quebrou sua promessa. Lembra? Aquela que você tinha feito quando na primeira vez que fomos morar juntos, quando pegamos o teleférico até Grouse?” A vista do alto da montanha estava frequentemente obscurecida pelas nuvens, mas naquela noite tinha estado clara. As luzes da cidade com suas pontes e sua água tinham estado expostas abaixo deles.

“Você disse que o mundo lá embaixo era nosso. Nós éramos jovens, bonitos e estávamos juntos. E que isto nunca mudaria. Isto era a sua cara, Lorin. Sempre fazendo promessas que não poderia cumprir.” Embora o homem tivesse tentado. Ele apenas sonhava maior do que o seu corpo poderia acomodar, então e mais tarde.

“Então, o que eu faço agora, hã? Como eu devo continuar quando não sou jovem, nem belo e você se foi? Maldito você!” Se engasgou, batendo na lápide com a palma da sua mão e depois arrastando sua manga pelo rosto. “E eu só posso ser louco, gritando com um homem morto. Diga-me que sou louco.”

“Você não é louco,” a voz de uma mulher disse. “Apenas humano. E se você me perguntar, você ainda é jovem e bonito.”

Cade deu um solavanco e olhou para trás. Na fila acima seguinte, uma mulher estava sentou perto de uma placa fixada no chão, olhando para ele com uma expressão gentil. Ela era velha, com os cabelos mudando do cinza para o branco. O rosto dela era vincado e longo, seu nariz grande, sua boca generosa. As roupas dela eram largas e confortáveis, sem nenhum indício de estilo e seus cabelos não continham nada mais do que a lembrança de um permanente ruim. Mas seus olhos eram firmes e calorosos.

“Eu não deveria me intrometer,” ela dissse. “Mas sou uma bisbilhoteira incurável. E seria uma vergonha se você machucasse sua mão socando uma pedra.”

Cade esfregou seu punho de maneira embaraçada. “Acho que isto pareceu muito estúpido.”

“Apenas imprudente. Qual a regra para lutar? Atinja as partes moles com sua mão e as partes duras com um utensílio? Alguém disse isto e é um bom conselho. Não se machuque mais do que a pessoa com a qual você está zangado.”

“Não posso machucá-lo agora em absoluto. Muito estúpido estar zagado com ele.”

“Oh, não sei.” Ela deu um tapinha na borda da placa na qual ela estava sentada. “Fiquei muito brava com este velho bastardo. Ele morreu de câncer nos pulmões, você sabe. Quase dez anos agora. E algumas vez venho aqui e dou-lhe o inferno por me deixar sozinha.”

“Ele não podia evitar ter câncer.”

“Ele poderia ter parado de fumar. Ele continuava dizendo que iria. O homem continuava me prometendo e então ele ficava ocupado, estressado ou qualquer maldita coisa e ele viria para casa cheirando a cigarros. Eu costumava dizer-lhe que o tabaco era como uma amante que ele estava se esgueirando para ver. Eu lhe disse que era um hábito feio e deixava tudo fedendo. Eu lhe disse que fumar não era sexy mesmo quando Johnny Depp o fazia. E se *aquele* homem não podia tornar isto atraente então meu marido não tinha nenhuma esperança. O que?” Cade deve ter feito algum som. Ela deu de ombros. “Você não acha que eu deveria notar que Johnny Depp tem as pernas sexys? Posso ser velha mas não sou cega.”

“Não, eu apenas...” Ele perdeu seu pensamento. “Ryan Reynolds é mais bonito.”

“Cada um com seu gosto.” Ela puxou seu casaco um pouco mais ao redor dela e suavizou sua voz. “Faz quanto tempo que ele morreu? Seu namorado?”

Ele estava além de tentar seguir esta conversa. “Muito tempo. Oito meses agora.”

“Oh, querido.” Ela balançou sua cabeça. “Isto não é muito tempo. Você ainda está fazendo todos os primeiros. Primeiro Natal sozinho. Primeiro Ano Novo. E hoje primeiro dia dos Namorados.”

“Este não conta muita coisa. Lorin odiava o Dia dos Namorados. Dizia que isto era uma conspiração por parte das empresas de flores e cartões para nos fazer gastar dinheiro entre o Natal e a Páscoa. Nós nunca fizemos nada, trocamos presentes ou qualquer coisa.”

“E ainda assim você está aqui hoje. Aquilo era o que Lorin pensava. O que você pensa?”

Cade começou a manifestar sua concordância com Lorin e hesitou. Ele podia lembrar daquele primeiro Fevereiro. Ele sabia que eles não foram exclusivos. E eles tinham estado juntos somente por alguns meses. Ele não tinha esperado nada pelo Dia dos Namorados, pela forma como Lorin falava sobre isto. Mas ele saiu e comprou um cartão e um pouco de vinho de qualquer maneira e o escondeu. Apenas para o caso. Mas Lorin chegou em casa selvagem e inquieto e o arrastou para algum bar e encontrou alguém para levar para casa e dividir a cama. Lorin tinha um dom para isto. Tinha sido um sexo rápido e quente com um estranho e após o cara sair, Lorin tinha dito, *“E esta é a única maneira de celebrar o Dia dos Namorados.“* Eventualmente Lorin tinha se vestido e ido para casa, porque eles ainda não estavam vivendo juntos. Cade tinha rasgado o cartão e aberto o vinho. Era um bom vinho. Mas ele tinha apenas vinte e três e acabado de sair da escola, e ainda tinha muito para aprender.

“Nunca me importei muito. Com frequência ele traria para mim em casa chocolate ou algo na semana após o Dia dos Namorados, para mostrar que ele não precisava de nenhuma corporação lhe dizendo quando me dar presentes.”

Os olhos dela se enrugaram em diversão. “E então seria barato. Portanto, ele estava sendo econômico e romântico.”

“Um.” Nada daquilo realmente se aplicava a Lorin. Mas Cade aceitou aquela interpretação. “Algo assim.”

“E você sente falta dele resmungando sobre corações vermelhos e cupidos e como as pessoas iriam gastar dinheiro que elas não tinham, para dar a pessoas que elas mal conheciam coisas que elas não precisavam.”

Apesar de si mesmo, os lábios de Cade se contraíram. “Você conheceu Lorin?”

“Talvez o irmão mais velho dele.” Ela estendeu a mão ao lado de seus joelhos e trouxe um pequeno buquê de narcisos. O matiz de suas pétalas era surpreendentemente brilhante, um brilho de amarelo contra os marrons e cinzas sombrios do cemitério em uma manhã nublada.

“O velho bastardo me trouxe narcisos pelo Dia dos Namorados uma vez. Deve ter sido por acidente. Ele era conhecido por misturar suas datas. Mas agora eu lhe trago alguns, todos os anos.” Ela começou a arranjar as flores em um pequeno vaso. As pontas dos dedos dela roçavam sobre as pétalas brilhantes. “Ele disse que os narcisos eram as minhas flores. Brilhante, estrondoso e resistente. Primeiro a aparecer na primavera, aparecendo em lugares em quem eles não foram plantados, trazendo alegria e luz do sol.”

“Ele disse isto?”

Ela bufou. “Você está brincando? Ele era um homem. Ele os entregou para mim e disse, *‘Aqui. Estes me lembram de você.’* Eu extrapolei.”

Os dedos dela tremiam um pouco enquanto ela firmava o vaso cheio em pé. Poderia ter sido a idade ou o frio. Cade disse, “Você sente falta dele.”

“Todo maldito dia.” Ela endireitou um caule. “Especialmente este ano.” Ela cruzou as mãos em seu colo e olhou para Cade. “Fica melhor, você sabe. O segundo ano é mais fácil do que o primeiro. O terceiro é ainda menor. Você deixa ir muitas das coisas, arrependimentos, descrença. As lembranças se distanciam para mais profundo, até que você não esteja pensando sobre elas o tempo todo. Mas elas não desaparecem. E raiva... Acho que pesar e raiva estão tão entrelaçados juntos que ambos duram. Algumas vezes venho aqui e tudo que sinto é tristeza e saudade. Então algumas vezes quero meu marido de volta para que possa socá-lo no nariz. Seis da primeia, meia dúzia da outra.”

“Você nunca casou de novo.”

“Oh querido, você é doce mas sou velha. Qualquer chance disto passou há muito tempo.”

“Você nunca sabe. Você poderia encontrar alguém.”

“É isto que o trouxe aqui hoje? Porque você encontrou alguém?”

Os palpites delas estavam se tornando incomuns. Mas Cade disse, “Talvez. Não sei. É muito cedo.”

“Muito tarde para mim. Mesmo se eu não fosse velha, parte da razão pela qual estaria aqui hoje é porque eu estaria desejando que meu marido ainda estivesse por perto para chutar minha bunda. Eles encontraram um tumor. Irei para a cirurgia. Tenho de estar lá em uma hora.”

“Sinto muito.” Quão inútil era aquilo. “Você quer ele para chutar sua bunda?”

“Sim. Ele faria também. Ele diria,

***‘Querida, você é muito resistente para deixar uma coisa pequena como um tumor cerebral obter o melhor de você. O que você está fazendo para ficar doente desta forma de qualquer maneira? Você diga ao cirugião para ser cuidados quando ele estiver lá, deixe todos os neurônios críticos da tagarela intactos.’* Ou ele diria, *‘Você é forte, garota. Sei que você estará de pé e dançando em pouco tempo. Ou você estaria se não tivesse dois pés esquerdos’.”***

“E isto seria útil?”

“Planejar como assassiná-lo seria uma distração.” Ela suspirou. “Oh, bem. Terei apenas de ser forte por conta própria, eu acho. Queria que nós tivéssemos filhos. Mas isto nunca aconteceu, e naquela época eles tinham, talvez, dois testes para descobrir o problema, e se nenhum fosse bem sucedido, você estava sem sorte. Crianças podem ser uma dor e elas são coisas caras para criar, mas pelo menos alguém iria sentir saudades sua quando você se fosse.”

“Pouco provável pra mim também.”

Ela se levantou de maneira rígida e se aproximou para olhar para ele. “Você nunca sabe. A coisa boa sobre a vida é que está sempre mudando. Se não está mudando, então você está morto. Portanto, pranteie seu namorado, sinta saudades dele, fique com raiva dele e o ame. Mas não se feche para as outras possibilidades, tudo bem? Não para sempre. Porque a vida é muito curta.”

Ela deu a Cade um sorriso sardônico e depois caminhou na direção dos portões.

No último momento, Cade lembrou-se de dizer, “Boa sorte com a cirurgia!”

Ela não se virou, mas uma mão acenou em reconhecimento antes que ela contornasse a curva no caminho e fosse embora.

Cade apoiou sua testa na pedra fria. “O que você acha, Lorin? Ela está certa? Está tudo bem se eu estiver pensando sobre uma nova possibilidade? Porque estou pensando sobre isto?” O zumbido baixo do tráfego na estrada além dos portões foi a única resposta. Em algum lugar um cachorro latiu uma vez e depois ficou em silêncio. Cade bufou. “Latir uma vez para sim e duas para não?” Lorin não teria reencarnado como um cachorro. O homem era um gato, de todas as maneiras.

“Ele é diferente de você, mais quieto, tranqüilo. Acho que gostaria disto.” A luz cinza foi lentamente iluminando enquanto o sol surgia atrás das nuvens. “Não sei, cara. Simplesmente não sei. É muito difícil, muito cedo. Não posso enfrentar… me preocupar novamente. E eu não sou você, não posso simplesmente transar com ele. Não mais.” Ele fechou seus olhos. Estava tranquilo e escuro lá. “Você me estragou para os outros caras, seu maldito maluco. Embora esteja apostando que Joel me compraria algo pelo Dia dos Namorados.” Ele quase podia ouvir a risada de Lorin, *diga que eu tenho uma idéia melhor,* tocando seu rosto. Mesmo se aquele calor em seu rosto fosse apenas o sol aparecendo, com seus olhos fechados ele poderia fingir que era Lorin.

Eventualmente o frio se infiltrou através de seu jeans e a posição agachada restringiu seus joelhos. Ele usou uma mão na pedra de Lorin para empurrá-lo para cima. O céu estava nublado novamente. Se houve uma luz solar brilhante, foi embora agora. Ele jogou sua mochila por sobre os ombros e remexeu em seu bolso pelo seu telefone enquanto se virava para o portão. Então em curiosidade ele se curvou para a placa plana onde a mulher tinha estado sentada. Era um memorial simples, colocado na grama.

***David Samuels, 22-08-1922 a 12-06-2001****.* Não havia nenhuma inscrição, mas abaixo do primeiro nome estava um segundo. ***Evelyn Samuels*.** Sem datas. Sem data de nascimento, sem data de falecimento. Esperando por aquela mulher quando ela finalmente não fosse forte o suficiente, ele imaginou. Sem duvida, ela escolheria ser enterrada aqui. O vaso de narcisos colocado ao lado da pedra plana, inclinando-se ligeiramente torto.Cade abaixou-se e o endireitou, pressionando a base mais firmemente no chão. Com o frio no ar, as flores poderiam não durar muito, mas a cor era tão brilhante quanto a esperança contra o metal escuro e a grama desbotada pelo inverno.

A caminhada de volta até os portões do cemitério sempre parecia mais curta do que a caminhada para baixo. Cade tinha feito esta viagem com cada emoção que ele pudesse nomear embrulhada dentro dele. Dias de pesar entorpecido, de negação e descrença, de impaciência consigo mesmo por estar sendo fraco, de pura raiva ardente. Esta era a primeira vez que ele caminhava por este caminho e encontrava o interior de sua própria cabeça um lugar tranqüilo. O vento soprava frio pelo seu pescoço, mas o ar tinha o cheiro de terra úmida acordando para a primavera. No portão ele parou para pegar seu telefone. Ele tinha uma empresa de táxi na discagem rápida em algum lugar. Mas antes que ele pudesse pressionar o botão uma figura familiar se afastou de um carro estacionado e caminhou na direção dele.

“Você irá esperar meia hora por um taxi a esta hora do dia,” Joel disse. “E eu gosto de companhia para dirigir. Aqui.” Ele estendeu um copo de papel.

Cade o pegou e olhou dentro. Um líquido escuro com um redemoinho branco no topo. A forma de um coração feito de espuma ainda estava claro na imagem dissolvendo.

Joel enrubesceu. “Eu não pedi a ele para fazer isto. Ele os fez desta forma pelo Dia dos Namorados. Talvez eu devesse tê-lo misturado.”

“Não.” Cade tomou um pequeno gole agradecido e observou o formato do coração mudar, deformar e se dispersar em um redemoinho abstrato. “Na verdade isto foi legal.” Ele deu a Joel um pequeno sorriso. “Primeiro Dia dos Namorados desde que eu tinha seis anos e a Sra. Davidson nos fez trazer cartões para todo mundo da sala.”

“Eu me lembro disto,” Joel disse ansiosamene. “Primeiro grau. Eu queria os cartões com as Tartarugas Ninjas, mas todos eles tinham acabado. Terminei com aqueles capengas do Scooby Doo.”

“Eu gosto do Scooby Doo,” Cade confessou. Ele tomou outro gole grande e olhou casualmente ao redor. Ele tinha uma sensação estranha de estar fora de si mesmo, de observar este novo Cade dar um passo para longe da vida que ele tinha. Parecia com se o mundo devesse ter mudado de alguma forma também. Mas ainda era apenas uma rua normal com carros comuns na manhã sem graça de Vancouver. Com Joel sorrindo para ele como se ele tivesse dito algo importante.

“Vamos,” Cade disse. “Se você vai me dar uma carona para o trabalho , na verdade, eu poderia chegar a tempo. Eu lhe devo uma.” O sabor rico do café encheu sua boca e ele fez um brinde para Joel com o copo. “Ou duas.” E aquele olhar de prazer e interesse de Joel foi em algum lugar em sua alma congelada e a aqueceu apenas um pouco.

Ou três, Cade pensou com um reconhecimento despontando. Para possibilidades.

Epílogo

Cade deslizou um braço pelo colchão e franziu o cenho quando seus dedos encontraram rapidamente lençóis esfriando ao invés da pele quente, suave. Ele se ajeitou rapidamente na cama contra os travesseiros. O lado de Joel na cama grande estava vazio, mas havia sons vindo do corredor. Um momento mais tarde, Joel entrou pela porta, uma bandeja carregada em suas mãos.

“Café da manhã na cama?” Cade não estava reclamando, enquanto se erguia mais. Mas era um dia de trabalho.

“Dia dos Namorados, bebê. Pretendo mimá-lo durante todo o dia.”

“Um. Eu gosto do conceito, mas, realmente, você não precisa fazer uma grande coisa disto. Lembre-se, eu realmente não comemoro o Dia dos Namorados.”

“Eu comemoro.” Joel colocou a bandeja sobre os joelhos de Cade e então deslizou para a cama ao lado dele. “Mova-se um pouco para o lado e não coma todo o bacon.”

Cade alguma vezes se perguntava o que havia sobre porco curado frito que simplesmente ia direto para os centros de prazer do cérebro. Ele pegou uma tira crocante e a enfiou em sua boca.

“Mmm, bom,” ele murmurou ao redor da ambrósia dos deuses.

Joel mordeu seu próprio pedaço e o inspecionou de maneira perplexa. “Pode haver algumas pontas queimadas. Seu senhorio precisa substituir aquele maldito forno. Não é ruim o suficiente que seja uma cor de abacate repulsiva, mas os queimadores estão ficando desiguais. Espero que a comida esteja boa.”

“Não se pode arruinar bacon.” Cade pegou um terceiro pedaço e então parou para se inclinar e pressionar um beijo gorduroso na boca maravilhosa de Joel.

“Obrigado.”

“De nada.” Eles comeram amistosamente por um tempo, dividindo a torrada e os ovos mexidos de um prato.

“Lembra do Dia dos Namorados do ano passado?” Joel disse, relembrando.

“Oh, sim.” Cade relembrou do frio, escuridão e um coração criado de um creme de chantilly. “Estou surpreso por você me aturar.”

“Estou surpreso que eu tive a coragem de me aproximar de você. E que você não me abateu.”

Cade disse lentamente, “Com aqueles olhos maravilhosos? Como eu poderia fazer isto?”

“Você estava a um passo disto. Admita.”

“Talvez. Obrigado por aguentar isto.”

Joel se curvou para beijá-lo, quente e profundo. Depois se levantou e foi remexer em sua gaveta na cômoda. Ele retornou com um envelope vermelho brilhante. Cade o pegou com um pequeno tremor. Você nunca sabia com Joel. Ele era um cara tranquilo, mas por baixo havia uma veia de humor perverso. Joel ergueu a bandeja para longe e estendeu um abridor de cartas.

“Vá em frente, olhe.”

Cade cortou a parte superior e puxou o cartão. Junto com isto veio uma nuvem de brilho rosa, vermelho e prata. Estrelas brilhantes e corações pontilhavam seus dedos e caíram para as colchas. Ele riu.

“Caramba, Joel.”

Joel riu. “Imaginei que deveria comemorar o feriado com estilo.”

“Você irá passar a tarde passando o aspirador de pó.” Cade abriu o cartão, um sentimento simples *Estou feliz por tê-lo encontrado.* Ele sorriu e estendeu a mão para abrir a gaveta na sua mesa de cabeceira onde uma dúzia de outros cartões já viviam. Os brilhos dos seus dedos manchavam o puxador da gaveta. Lorin tinha comprado a mobília do quarto. Ele ficaria chocado ao vê-la decorada com brilhos rosas. “Lorin nunca iria...” Cade mordeu sua língua com força e olhou para Joel contritamente. Aquilo era algo que ele tinha *jurado* que nunca faria. Quando Joel se mudou há dois meses atrás, Cade tinha prometido a si mesmo que ele nunca mencionaria o nome de Lorin, nunca faria comparações.

Joel tinha lhe dito que ele estava sendo bobo, que isto aconteceria e o melhor que Cade poderia prometer era manter isto a um mínimo. Ele tinha acabado estando certo, mas ainda machucava Cade toda vez que ele deslizava. Ele pensava que talvez isto o incomodasse ainda mais do que importunava Joel.

Joel inclinou-se e pegou a mandíbula de Cade em seus dedos. “Não sou Lorin.”

“Sei disto. Sinto muito. Estou realmente feliz que você seja você.”

Joel beijou seus cabelos. “Sem problema. E para sua informação, eu amo o Dia dos Namorados e planejo trazê-lo em seu deslumbre total para você durante todo o dia.”

“Eu poderia viver com isto. É parte disto um suporte atlético realmente brilhante? Porque este é um presente da qual eu realmente poderia entrar.”

“Eu adoraria vê-lo entrar em brilhos reduzidos. Vá em frente.”

“Eu quis dizer para você.”

“Ah. Você pode esperar e imaginar.”

Cade disse, “Vá olhar na minha gaveta superior.” Este ano ele tinha selado o cartão e embrulhado o pressente. Ele tinha a sensação que isto era o tipo de coisa para Joel.

Joel pegou o cartão e o pacote embrulhado. Ele abriu o cartão primeiro. Cade observou o rubor surgir e refluir pela pele clara de Joel enquanto ele lia o cartão. Quando terminou, ele olhou para Cade, seus olhos brilhantes. “Obrigado.”

“Sou lento no departamento de romance, mas eventualmente eu chego lá. Abra o presente.”

Joel era da escola de abrir um pacote rasgando o papel selvagemente. Ele puxou a moldura prateada para fora dos fragmentos de tecido e olhou para isto.

“Quem tirou isto? Não me lembro disto.”

Cade sabia para o que ele estava olhando: uma foto dos dois na praia em Stanley Park. A água estendendo-se azul e cinza atrás deles, com um navio somente visível a distancia. Joel estava em pé sobre um tronco, portanto sua cabeça ia além da de Cade por alguns centímetros e ele tinha seu rosto apoiado nos cabelos de Cade. O vento tinha açoitado as cores em ambos os rostos. A moldura era uma simples moldura estreita de prata.

“Havia uma garota na praia tirando fotos. Eu a vi sorrir quando você me beijou. Enquanto você estava brincando de trave de equilíbrio com a madeira flutuante eu pedi a ela que tirasse fotos e depois enviasse por email para mim. Isto é o que ela enviou.”

“Legal.”

Cade assentiu. “E este fim de semana acho que deveríamos ir procurar um apartamento. Ou casa ou o que quer que pudermos encontrar.”

“Serio?” Joel colocou a fotografia cuidadosamente na cômoda e depois se virou, meio sentado no tampo de madeira. A expressão dele estava séria. “Você ama este lugar.”

“Amo algumas coisas sobre ele. Eu tenho um ódio sério com a cor verde abacate. Você sabe que o senhorio nunca irá substitui-lo.”

“Eu poderia sabotá-lo de maneira tão habilidosa que pareceria como uma avaria. Ele teria que trocar.”

“Provavelmente ele sairia e compraria outro usado. Não, ouça Joel. Precisamos de um lugar que seja nosso. Seu e meu. Porque Lorin sempre estará pairando sobre nossos ombros aqui.”

O suspiro de Joel foi um alívio. “Você sente isto também. Imaginei que era apenas algo com a qual eu teria de viver.”

“Deus, não.” Cade balançou suas pernas para fora da cama e foi envolver seus braços ao redor de Joel. “Se algo incomoda você, diga-me.”

“Era suportável.”

“Quero mais do que suportável. Quero…” Ele não poderia ter dito isto para Lorin com uma rosto sem expressão, mas poderia para Joe. “Eu quero estupendo, Quero surpreendente.”

“Bem, você me tem.” Joel recostou-se nos braços de Cade para lhe dar um sorriso provocador. “O que mais você precisa?”

E o alarme no relogio de Joel disparou. Trinta segundos mais tarde, o de Cade fez o mesmo. Eles olharam um para o outro, e Cade sentiu uma pequena sombra deslizar pelo seu sol pessoal.

Joel se aproximou e o beijou. “Seu relógio é lento.”

“O seu é rápido.”

“Vamos.” Joel deu um passo para trás, pegou sua mão e o empurrou na direção da cozinha.”Quero o meu com banana amassada esta manha. Desliza direto para baixo.”

Na mesa da cozinha um buque de narcisos colocado na luz do sol, o amarelo tão brilhante que refletia na superfície polida da madeira como um segundo sol. Joel soltou a mão de Cade, ergueu uma flor para fora do vaso e a entregou para ele. “Estava pensando que rosas eram demais, mas, aqui. Estas me lembram de você.”

Lentamente, Cade pegou o caule verde angular dos dedos de Joel.

As pétalas roçaram sua mão. “Não Narcisos são a sua flor. A primeira a aparecer na primavera, surgindo em lugares onde elas não foram plantadas, trazendo alegria e luz do sol.” As palavras ecoaram em algum lugar em sua cabeça.

Joel sorriu alegremente. “Maldição. Isto foi quase poético. Não sabia que você tinha isto em você.” Ele se virou para a geladeira. “Então. Medicamentos. Você quer água ou suco para os seus?”

“Suco.” Cade apoiou-se na parede, era melhor para ver a bunda deliciosa de Joel enquanto ele se curvava para olhar na geladeira aberta. Cade virou a flor em seus dedos. Uma pétala estava torta e o pólen manchou a ponta de seu dedo. Era belo.

“Que tipo de suco?” Joel perguntou, sua cabeça enfiada na geladeira. “Nós temos todos os tipos de possibilidades.”

*Sim,* Cade pensou. *Certamente que temos.*

Fim



1.  [↑](#footnote-ref-1)
2. Canadian National Exhibition: evento que acontece no início de Agosto refletindo o crescimento na diversidade e na inovação. [↑](#footnote-ref-2)
3. Pista exclusiva para carros com mais de um passageiro. [↑](#footnote-ref-3)
4. Nucleosideo inibidor da transcriptase reversa: droga anti-retroviral para suprimir a replicação do retrovirus. Inclui drogas como o AZT e o abacavir. [↑](#footnote-ref-4)